**A psicomotricidade no processo de alfabetização**

**Definição de Psicomotricidade**

**Busca conhecer o corpo nas suas relações, transformando-o num instrumento de ação. Este corpo pensado como objeto, marcado por uma mente que pensa. A evolução da psicomotricidade no homem se dá de forma natural. Ela auxilia e capacita melhor o aluno para uma melhor assimilação das aprendizagens escolares. O corpo e o movimento constituem alicerces para o desenvolvimento da criança. No campo da psicomotricidade, a relação, a vivência corporal e a linguagem simbólica são imprescindíveis. A psicomotricidade permite à criança viver e atuar no seu desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo.**

Considerando essa definição, percebemos que a psicomotricidade, unida aos elementos cognitivos, favorece o desenvolvimento pleno da criança. “A psicomotricidade existe nos menores gestos e em todas as atividades que desenvolvem a motricidade da criança, visando ao conhecimento e ao domínio do seu próprio corpo” (ALVES, 2012, p. 144). Por isso, a psicomotricidade precisa ser valorizada na construção do processo ensino-aprendizagem nas classes de alfabetização.

Destacamos assim o quanto o processo de aprendizagem é complexo e que a criança, para se apropriar da leitura e da escrita, vai criando hipóteses. Por este motivo, buscamos ressaltar a fundamental participação da psicomotricidade para que as crianças vençam essa etapa mais tranquilamente, diminuindo o número de dificuldades causadas pelo seu não envolvimento nesse processo.

**O corpo e o movimento na escola**

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. É através do movimento que as crianças expressam seus pensamentos, sentimentos e emoções, ampliando assim as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. É através de gestos que as crianças exploram e conhecem o mundo onde vivem.

Na escola, há supervalorização do intelecto, a partir das ideias da modernidade, deixando de lado a linguagem corporal das crianças.

As grades escolares e a rotina das instituições educacionais expressam claramente esta evidência: a de que a escola não tem pelo corpo o mesmo apreço que tem pela mente. O resultado é um processo educacional “[...] do pescoço para cima” (TIRIBA, 2001, p. 17).

O Ensino Fundamental é visto como um lugar em que não existe mais espaço para o brincar, movimentar-se. Isso acaba na Educação Infantil. Os conteúdos são muitos, as rotinas são pesadas e não sobra tempo para isso. É sentar na cadeira, copiar a matéria do quadro, prestar atenção no que o professor explica e fazer os exercícios, parando somente para o recreio.

A chegada ao Ensino Fundamental já é um período de grandes dificuldades, pois as crianças se deparam com mudanças, cobranças, outra realidade. O tempo que é dedicado a elas na escola para realizarem atividades físicas é muito pequeno comparado ao tempo que ficam sentadas olhando, ouvindo, prestando atenção a tudo o que lhes é explicado e fazendo suas atividades. Somente no recreio, elas são liberadas para brincar, para interagir com os colegas, para “ser criança”.

Para alguns professores, o cenário ideal para uma sala de aula é um ambiente silencioso, onde todos os alunos prestam atenção ao que é dito. Todos com o uniforme impecável, sentados corretamente. Os conteúdos muito bem explicados, exercícios, provas. Esse tipo de ambiente é muito conveniente para o professor, que pode dar sua aula tranquilamente, sem forçar sua garganta, sem se cansar. Será que esse ambiente também é agradável para os alunos?

Reservar um tempo para as crianças brincarem, para conhecerem o seu corpo e o do colega, para descobrirem novas sensações e aprenderem coisas novas através da brincadeira, para muitos professores é sinônimo de desordem, de gritaria e de bagunça. Nem todos os professores sabem valorizar esse momento tão importante para as crianças.

O papel do professor é fundamental, pois ele é o mediador do processo ensino-aprendizagem e é aquele que, no momento certo, pode intervir, caso o aluno encontre alguma dificuldade. O professor precisa refletir em relação ao movimento não como um simples deslocamento do corpo, mas como um momento de interação e relação com o mundo, já que o ato de escrever é uma forma de expressão.

Por isso, é necessário que se invista na formação dos profissionais alfabetizadores, para que reflitam e busquem aliar o trabalho da alfabetização com a psicomotricidade, respeitando o nível de desenvolvimento de cada criança nesse processo, proporcionando uma aprendizagem significativa.

A escola precisa parar de se preocupar somente com o intelecto da criança como se nada mais fosse importante, como se o lúdico, o corpo e o movimento não fossem importantes. A educação não é comprometida somente com o racional, mas também, de uma maneira especial, com o corpo e a emoção. A escola e os professores precisam rever seus planejamentos, seus métodos, e adaptá-los às necessidades físicas das crianças.

Trata-se de subverter currículos e rotinas escolares que são alienados em relação às vontades do corpo, às suas mais elementares necessidades de respirar profundamente, alimentar-se sadiamente, dormir bem, relaxar, não fazer, não pensar (TIRIBA, 2001, p. 18).

Trata-se de ensinar, apenas fazendo uso da brincadeira. É possível se aprender brincando? Para se ter uma aprendizagem completa, é preciso realizar atividades que utilizem os dois aspectos: intelecto e corpo; atividades que tenham conteúdo, mas que também valorizem a expressão do corpo da criança e, novamente, suas necessidades; valorizar exercícios sistemáticos e mecânicos, mas também os desorganizados, avulsos.

Não precisamos ensinar somente usando o quadro, passando exercícios sem significado algum para a criança. Por que não ensinar matemática com músicas e jogos? Por que não ensinar a criar textos coerentes a partir de uma brincadeira de faz de conta?

A escola, claro, é um espaço para se aprender a ler, escrever, contar, mas também precisa ser um lugar onde se aprenda a sentir, a relaxar, a brincar, a se conhecer, a construir autonomia e a conquistar sua independência, como afirma Tiriba (2001, p.19): “[...] uma escola comprometida com uma transformação social que tenha qualidade de vida como perspectiva precisa ensinar a atenção às verdades do corpo”.

Não estamos falando em desvalorizar o conteúdo, mas, sim, de dá-lo de uma maneira prazerosa para o aluno por meio de atividades lúdicas; as crianças, além de se divertir, interpretam, criam, relacionam-se com o mundo em que estão inseridos e aprendem muito melhor. É por esses motivos que, cada vez mais, é recomendado que o lúdico ocupe um lugar de destaque no currículo escolar, principalmente na Educação Infantil.

FONTE: <https://www.construirnoticias.com.br/a-psicomotricidade-no-processo-de-alfabetizacao/>